

## UM ESTUDO SINTÁTICO-DISCURSIVO COMPARATIVO DA CLIVAGEM EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

### 1. INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos que têm se interessado em analisar as construções clivadas, seja em seus aspectos sintáticos, seja em seus aspectos pragmático-discursivos, em várias línguas. No que se refere à sintaxe, as construções clivadas (CC) têm chamado a atenção por sua formação, ordem de constituintes<sup>1</sup> e por conterem o mesmo valor de verdade que uma sentença simples; por isso, alguns autores as chamam também de ‘Perífrase de Relativo’ (cf. MORENO CABRERA, 1999; PORTO DAPENA, 1997). No que se refere à pragmática/discurso, as construções clivadas, por serem construções focalizadoras, são bem-sucedidas apenas em contextos específicos; ou seja, não é possível clivar constituintes em todos os contextos em que há uma asserção.

Desta maneira, seguindo as propostas de Moreno Cabrera (1999), Prince (1978) e Lambrecht (2001), neste trabalho analisamos os usos discursivos das construções focalizadoras, em especial das construções clivadas, em português brasileiro (PB), português europeu (PE), espanhol (ES), francês (FR) e italiano (IT). Tendo em vista a relação entre sintaxe-discurso, escolhemos como *corpus* a versão original e as respectivas traduções do livro de Paulo Coelho “O Alquimista”, para que pudéssemos fazer um estudo comparativo dessas construções, utilizando um mesmo contexto pragmático-discursivo em diferentes línguas<sup>2</sup>.

### 2. AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS

As construções clivadas são construções focalizadoras que apresentam estatutos sintático e semântico específicos. Lambrecht (2001) define as construções clivadas como uma sentença complexa contendo uma oração principal nucleada por uma cópula e uma oração relativa ou tipo-relativa da qual o argumento relativizado é co-indexado com o argumento da cópula, sendo que essas duas orações juntas expressam uma simples proposição lógica que poderia ser expressa de uma forma simples. Logo, as sentenças clivadas em (1) teriam o mesmo valor de verdade que a sentença simples em (2)<sup>3</sup>:

- (1)
  - a. Foi um livro [o] que João comprou. (Clivada básica)
  - b. O que João comprou foi um livro. (Pseudo-clivada básica)
  - c. Um livro foi o que João comprou. (Pseudo-clivada invertida)
  - d. Um livro é que João comprou. (Clivada invertida)
  
- (2) João comprou um livro.

A definição de clivagem usada neste trabalho se baseia em critérios sintáticos e semânticos, considerando que além da realização do verbo copulativo e da sentença relativa, as construções clivadas são sentenças especificacionais que apresentam leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade (Modesto 2001)<sup>4</sup>. Assim, uma construção como: (3) O que João é é muito lucrativo.

---

<sup>1</sup> Kato e Ribeiro (2004; 2005) mostram que línguas V2 não têm estratégias em que a cópula aparece na primeira posição.

<sup>2</sup> O corpus foi organizado e analisado por Ribeiro (2006).

<sup>3</sup> Exemplos equivalentes aos de Brito e Duarte (2003).

<sup>4</sup> Esta questão está relacionada com a necessidade de distinguir copulativas predicacionais das especificacionais. (cf. MODESTO, 2001; MORENO CABRERA, 1999; LAMBRECHT, 2001). Apenas as sentenças copulativas especificacionais podem ser consideradas sentenças clivadas.

(3) O que João é é muito lucrativo.

pode ter duas interpretações: (i) como predicativa “A função, propriedade ou papel que João desempenha é muito lucrativo” e (ii) como especificacional “João dá lucro”. Somente construções com leituras especificacionais são consideradas neste texto.

### 3. CONSTRUÇÕES CLIVADAS E DISCURSO

É comum considerar que os pares “pergunta / resposta” põem em evidência a natureza discursiva da clivagem e são os exemplos típicos da progressão informativa do discurso (cf. ZUBIZARRETA, 1999; MORENO CABRERA, 1999).

- (3) a. ¿Quién habla?  
b. Juan. / #Hablar.  
c. Quien habla es Juan. / # Lo que hace Juan es hablar.
- (4) a. ¿Qué hace Juan?  
b. Hablar. / #Juan.  
c. Lo que hace Juan es hablar. / # Quien habla es Juan.

A progressão informativa da sentença, como mostra (3) e (4), estabelece o conjunto de informações pressupostas e novas. Num par pergunta-resposta, por exemplo, a única resposta possível é a informação nova, que faz o discurso progredir; a repetição da pressuposição sem o acréscimo da informação nova, converte a resposta em agramatical. Lambrecht (2001) estabelece a estrutura informacional da sentença a partir dos conceitos de *pressuposição* (aquilo que o falante assume como conhecido pelo ouvinte, a informação velha), *asserção* (aquilo que se espera que o ouvinte saiba como resultado da pressuposição, a informação nova) e *foco* (o componente pelo qual a asserção difere da pressuposição). Assim, para o contexto em (5), a estrutura informacional pode ser representada como em (6):

- (5) A: O que você precisa para fazer o bolo?  
B: O que eu preciso para fazer o bolo é um pouco de farinha e leite.
- (6) a. Contexto: O que você precisa para fazer o bolo?  
b. Sentença: O que eu preciso para fazer o bolo é um pouco de farinha e leite.  
c. Pressuposição: B precisa de x.  
d. Asserção: x = um pouco de farinha e leite.  
e. Foco: um pouco de farinha e leite.

No entanto, para que uma informação seja dada como pressuposta, ela precisa estar ativada ou “ativável” na mente do ouvinte e deve ser de interesse atual, no momento da enunciação, o que Lambrecht (2001) chama de *Consciousness presupposition* e *Topicality presupposition* respectivamente. Portanto, para que o falante B respondesse ao falante A “o que eu preciso para fazer o bolo é um pouco de leite e farinha”, ele deveria supor ou imaginar que o seu interlocutor sabia ou esperava que ele precisasse de algo naquele momento; caso contrário, uma oração simples seria mais bem-sucedida: “Eu preciso de um pouco de farinha e leite para fazer um bolo” (cf. PRINCE, 1978, p. 884). Dentro do conceito de pressuposição pragmática, Prince (1978) diferencia o

que é informação dada do que é informação conhecida, embora diga que ambas têm sido usadas como sinônimo. Por informação dada, a autora define o conjunto de informações que o falante assume estar na consciência do ouvinte. Por informação conhecida, é o conjunto de informações que o falante assume ser conhecida por um determinado grupo de pessoas; porém, o ouvinte pode não estar incluído neste grupo. Cada tipo de CC vai se especializar em um determinado contexto discursivo: no caso do inglês, segundo Prince (1978, p. 904), as IT-Clefts (*clivada* e *pseudo-clivada extraposta*) se especializaram no contexto de informação conhecida e as Wh-clefts (*pseudo-clivada* e *pseudo-clivada invertida*) se especializar no contexto de informação dada.

Moreno Cabrera (1999, p. 4298-4300) define dois usos discursivos das CCs: especificativos e pós-especificativos. O uso especificativo delimita um domínio conceitual no qual não há uma definição do tema e pode ser usado para iniciar um discurso. Contudo, o fato de a CC poder abrir um discurso não implica, como ilustrado com os exemplos em (5), que não haja uma pressuposição: espera-se que a pessoa fale sobre algum tema e esse tema será definido na abertura do discurso. Por exemplo, um cliente que compra carne semanalmente no mesmo açougue, poderá emitir a sentença em (7) para o açougueiro que o atende costumeiramente:

- (7) Olá, seu José. Bom dia! Hoje, o que eu vou querer é um quilo de alcatra e dois quilos de patinho, além de um quilo de costela de porco.

Pelo contrário, os usos pós-especificativos fixam (foco identificacional), ratificam (foco enfático) ou retificam (foco contrastivo) uma especificação prévia.

- (8) Contexto identificacional  
A: O que a Maria estudou no curso de sintaxe?  
B: No curso de sintaxe, o que a Maria estudou foi a teoria do caso.
- (9) Contexto enfático  
A: Será que quem entrou foi o Pedro?  
B: Sim. Claro que quem entrou foi o Pedro!
- (10) Contexto contrastivo  
A: Igor, o que você fez com o dinheiro? Pagou a conta de água?  
B: Não. Foi a conta de luz (o)que eu paguei.

#### 4. UMA ANÁLISE DOS DADOS

Com base no referencial teórico exposto acima, nesta seção analisamos como se dão as estratégias de focalização, em especial os usos discursivos da clivagem em quatro línguas românicas e em inglês. Nos documentos analisados, não foram encontrados todos os tipos de construções de clivagem possíveis em todas as línguas, assim como houve diferenças de percentual entre cada uma das estratégias encontradas. Abaixo, exemplificamos os tipos de clivagem encontrados em cada língua.

- (11) Português Brasileiro (PB)  
a. **Clivada (CL)** - Mas não era ASSIM que Oscar Wilde acabava a história.  
b. **Clivada Invertida (CLI)** - ISTO é que eu chamo de Ação.

CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da; RIBEIRO, Ilza (2008). Um estudo sintático-discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas. In.: MOURA, Denilda (org). *Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, p. 401-404. 4

- c. **Pseudo-Clivada (PC)** - A única coisa que muda no deserto são AS DUNAS, quando sopra o vento. trocar este exemplo por um que tenha pronome relativo. Casos como este que você colocou podem ser tratados como copulativas especificacionais
- d. **Pseudo-Clivada Invertida (PCI)** - Tenho apenas o presente, e ELE é o que me interessa.
- e. **Pseudo-Clivada Extraposta (PCE)** - Foi O VELHO quem falou primeiro.
- f. **Clivada sem cópula (CSC)** - ELE que havia se acostumado ao horário das ovelhas.

(12) Português Europeu (PE)

- a. **CL** - Mas não era ASSIM que Oscar Wilde acabava a história.
- b. **CI** - ISSO é que eu chamo de Acção.
- c. **PC** - Tudo o que elas queriam era APENAS COMIDA E ÁGUA.
- d. **PCI** - Porque, neste caso, O CORAÇÃO é o que sofre mais.
- e. **PCE** - Foi O VELHO quem falou primeiro.
- f. **CSC** - DESDE CRIANÇA que eu sonhava que o deserto me iria trazer o maior presente da minha vida.

(13) Espanhol (ES)

- a. **CL** - Es ESO que llaman Amor.
- b. **PC** - Todo lo que ellas querían era SÓLO COMIDA Y AGUA.
- c. **PCI** - ESTO es lo que estaba escrito en la Tabla de la Esmeralda.
- d. **PCE** - Reflexionó un momento y pensó que también podría ser lo contrario: que fuera ÉL quien se hubiese acostumbrado al horario de las ovejas.

(14) Italiano (IT)

- a. **CL** - Ma è PROPRIO PER QUESTO che hai allevato la preda, rispose il ragazzo.
- b. **PC** - L'unica cosa che muta nel deserto sono LE DUNE, quando soffia il vento.
- c. **PCI** - TU eri l'único ad avere la possibilità di contemplare da vicino la sua bellezza.

(15) Francês (FR)<sup>5</sup>

- a. **CL** - Je n'ai que le présent, et c'est LUI seul qui m'intéresse.
- b. **PC** - La seule chose qui change dans le désert, ce sont LES DUNES, quand souffle le vent.
- c. **PCI** - MA CRAINTE D'ECHOUER est ce qui m'a empêché jusq'ici de tenter la Grand Oevre.

A tabela abaixo mostra os resultados quantitativos das estratégias de focalização encontradas.

---

<sup>5</sup> O francês não diferencia as construções clivadas das pseudo-clivadas extrapostas. Apenas há uma concordância caso o constituinte clivado seja sujeito:

- i. Il détestait les Maures. *C'étaient eux qui avaient amené les gitans.*
- ii. C'est là que je suis né.—Alors, disons que je suis né à Salem.

	CL	CLI	PC	PCI	PCE	CSC
PB:	15	14	06	05	01	01
PE:	17	13	05	05	02	01
ES:	02	--	05	14	21	--
FR:	35	--	04	01	--	--
IT:	28	--	04	06	--	--

A partir dos dados da versão original do PB, mostramos a seguir como as traduções exemplificam o uso da clivagem nas línguas estudadas. Na tabela que se segue, os resultados partem dos usos do PB. Há casos em que o PB usa outro recurso de focalização e a tradução recorre à clivagem. Apesar de termos computado esses dados na tabela da tipologia encontrada (cf. tabela acima), como foi o caso do PE, que utiliza uma CSC num contexto em que o PB utiliza outro recurso de focalização, não o computamos na tabela abaixo, na qual mostramos exclusivamente como as CCs do PB são traduzidas para as outras línguas<sup>6</sup>.

PB - original	PE	ES	FR	IT
CL	CL, PCE	PCE, CL, PCI	CL	CL, outro recurso
CI	CI, PCI	PCE, PCI	CL, PCI, outro recurso	CL, outro recurso
PC	CI, PC	PC	PC, outro recurso	PC
PCI	PCI	PCI, PCE	CL, outro recurso	PC
PCE	PCE	PCE	CL	CL, outro recurso
CSC	CI	PCE	CL	CL

Algumas considerações sobre os resultados ilustrados na tabela acima são pertinentes:

I - As construções PC quase sempre são traduzidas por PC, embora outro recurso tenha sido utilizado, como foco in situ. O único caso em que a PC é traduzida por CI é em um contexto de foco contrastivo:

- (16) a. PB: O que você faz? – Alimento meu falcão. – Se eu não conseguir transformar-me em vento, nós vamos morrer – disse o rapaz. – Para que alimentar o falcão? – Quem vai morrer é você – disse o Alquimista. – Eu sei transformar-me em vento.  
 b. PE – ...Para quê alimentar o falcão? – Tu é que vais morrer – disse o Alquimista. – Eu sei transformar-me em vento.

II - As construções CL quase sempre são traduzidas por CL ou PCE, que construções que apresentam o mesmo estatuto em línguas como francês (cf. nota 3), ou por outro recurso, como foco in situ. O único caso de tradução de CL por PCI ocorre em um caso de foco enfático dentro de uma oração subordinada, no espanhol.

<sup>6</sup> Ribeiro (2005) mostra faz um estudo parecido com base em duas versões da Crônica Geral da Espanha, em duas edições do português e do espanhol.

- (17) a. PB: Então ele me perguntou se já havia transformado chumbo em ouro. Eu disse que era isto que queria aprender.  
b. PE: Então perguntou-me se já tinha transformado chumbo em ouro. Eu disse que era isso que queria aprender.  
c. FR: Et il m'a demandé si j'avais déjà transformé du plomb en or. J'ai répondu que c'était précisément ce que je souhaitais apprendre.  
d. ES: Entonces él me preguntó si ya había transformado plomo en oro, y yo le dije que eso era lo que quería aprender.  
e. IT: Allora mi há domandato se avevo già trasformato il piombo in oro. Gli ho risposto che era proprio ciò che volevo apprendere.

III - O francês apresenta um único caso de tradução de CI por PCI, caso em que o foco não representava a informação nova dentro do discurso.

- (18) a. PB: Esta é a primeira fase do trabalho – disse o Inglês. – Tenho que separar o enxofre impuro. Para isto, não posso ter medo de falhar. O meu medo de falhar foi que me impediu de tentar a Grande Obra até hoje. É agora que estou começando o que podia ter começado há dez anos atrás. Mas me sinto feliz de não ter esperado vinte anos para isto.  
b. FR: Ma crainte d'échouer est ce qui m'a empêché jusqu'ici de tenter le Grand OEuvre.

IV - O francês e o italiano apresentam basicamente construções CL e as PC, que, por serem sentenças copulativas, são permitidas em qualquer língua. Desta maneira, precisam recorrer a outros recursos de focalização, como foco in situ ou alteração de ordem, para a tradução das outras estratégias de clivagem do PB.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde ver, há línguas que apresentam mais tipos de clivagem que outras. Desta forma, espera-se que haja um reajuste no sistema discursivo da clivagem nas línguas que apresentam menos tipos. Em outras palavras, o que queremos dizer é: uma língua como o PB, que apresenta 6 tipos de clivagem no documento analisado, deverá ter uma especialização das estratégias muito maior que uma língua como o IT ou o FR, que apenas apresentam 3 tipos de estratégias, que deverão cobrir os usos que as 6 estratégias encontradas no PB dão conta.

Por último, ressaltamos que as variações ou discordâncias que pode haver entre nossos dados e as conclusões dos teóricos sobre o assunto se deve ao fato de que trabalhamos com uma versão original e suas respectivas traduções, nas quais pôde haver havido interferências de diversas índoles por parte do tradutor.

## REFERÊNCIAS

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês (2003). Orações relativas e construções aparentadas. In: MATEUS, M. H. M. (Org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho Coleção Universitária. p. 653-694. Série Lingüística.

KATO, Mary & RIBEIRO, Ilza (2004). A Evolução das Estruturas Clivadas no Português: período V2. Apresentado ao VI PHPB. Ilha de Itaparica, Bahia.

CONCEIÇÃO PINTO, Carlos Felipe da; RIBEIRO, Ilza (2008). Um estudo sintático-discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas. In.: MOURA, Denilda (org). *Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, p. 401-404.

\_\_\_\_\_. (2005). Cleft sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Apresentado ao 35th LSRL, University of Texas, Austin.

LAMBRECHT, Knud. (2001). “A framework for the analysis of cleft constructions”. *Linguistics* 39, 3. 463-516.

MODESTO, Marcello (2001). *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas.

MORENO CABRERA, Juan Carlos (1999). Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madri: Espasa Calpe. p. 4245-4302.

PORTO DAPENA, José Álvaro (1997). *Oraciones de relativo*. Madrid: Arco/Libros.

PRINCE, Ellen F. (1978). “A comparison of *wh*-clefts and *it*-clefts in discourse”. *Language*, 54, 883-906.

RIBEIRO, Ilza (2006). Clivagem e discurso. Diferentes estratégias em diferentes línguas. ms.

\_\_\_\_\_ (2005). Um estudo da ordenação dos constituintes em duas versões da *CRÔNICA GERAL DE ESPANHA*. Apresentado ao IV Congresso Internacional da ABRALIN – Brasília.

ZUBIZARRETA, M. L. (1999). Las funciones informativas: tema y foco. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 3. Madri: Espasa Calpe. p. 4215-4244.